

LINGUASAGEM

O “A JAKOBSON¹” DE LACAN²

Michel BOUSSEYROUX

Àquele que não fala bestamente da linguagem.

A tese central do segundo capítulo do seminário *Encore*³ de Jacques Lacan (1972-73) é, eu o lembro, que o significante é a causa do gozo, causa da qual Lacan refrata, como ele tinha feito em “A Ciência e a Verdade”(LACAN, 1960), os quatro modos que Aristóteles distingue em sua metafísica e sua física. Mas aí, não é mais da verdade como causa de que se trata, mas do significante como causa.

Para melhor compreender o que está em jogo na doutrina, é preciso, a princípio, se deter em seu título, que é uma dedicatória, um endereçamento. Um endereçamento àquele que conseguiu não falar bestamente da linguagem, Roman Jakobson. Eu diria que, para não falar bestamente do significante e para não falar bestamente da linguística, é preciso ler Jakobson. Pois Lacan deve muito a Jakobson. Ele lhe deve tanto quanto Galileu a Copérnico. Eu quero dizer que é preciso ler Lacan com Jakobson, como é preciso ler Galileu com Copérnico. Do mesmo modo que é preciso ler Galileu com Copérnico para compreender o ato de Galileu, é preciso ler Lacan com Jakobson para

¹ Título da lição II do Seminário XX, de 19 de dezembro de 1972.

² Este texto é uma tradução da versão original intitulada *L'à Jakobson de Lacan*, do livro *Lacan Le Borroméen - creuseur le noeud*, Ères, 2014. Eu, Glaucia, agradeço ao autor, Michel Bousseyroux, por autorizar esta tradução para o português brasileiro. Agradeço, também, ao Lucas Matheron pela revisão da tradução.

³ O seminário XX de Lacan foi publicado em português pela editora Zahar. O título foi traduzido por “Mais, ainda”. No entanto, nessa tradução do título, perde-se o jogo de Lacan com o som das palavras quando pronunciadas em francês. “*Encore*” se escuta, quando lido em francês, tanto como “Ainda” quanto “no corpo” (en corps) ou “mais um”. Há uma tradução de uso interno da Escola Letra Freudiana que manteve o título em francês para que esse jogo com a sonoridade em francês se mantivesse. Assim, na tradução deste texto, optei por manter em francês seguindo as considerações da versão da Letra Freudiana que me parece mais atenta ao uso que Lacan faz deste título.

compreender o ato de Lacan quando, em *Encore*, frente a Jakobson, ele atravessa o Rubicão que separa o significante do gozo.

Então, Lacan dedica esta lição de seu seminário à Roman Osipovic Jakobson, seu amigo íntimo, do qual ele saúda a presença e a quem presta homenagem pelas entrevistas que acabou de fazer no Collège de France. Mergulhei, então, na obra de Jakobson, que eu tinha lido pouco, ou depressa demais, Jakobson, o fundador, com Troubetzkoï, da fonologia estrutural. Podemos dizer que Lacan encontrou em Jakobson (bem como em Lévi-Strauss) a garantia de sua teoria estrutural do simbólico. É por meio dela que, em maio de 1956, ele introduz o significante, a metáfora e a metonímia na psicanálise, referindo-se de saída aos seus trabalhos sobre a afasia. Mas não é apenas o grande linguista que Lacan homenageia nesta lição de *Encore*. É o poeta, o poetólogo que ele era.

Com efeito, a posição da práxis de Jakobson era primeiramente *po-ética*. Desde os dezessete anos de idade, Jakobson só prezava pelos poetas futuristas russos, que ele conhecia bem, aqueles que a geração de Stalin desperdiçou, Maïakovski, Goumilez, Blok, Kroutchenykh, Velimir Khlebnikov, o inventor do zaoum⁴, a língua das estrelas, que ele queria tornar a língua universal da Revolução. Jakobson escreveu, em 1914, poemas sob o pseudônimo de R. Aliagrov. Ele analisou genialmente *muitos* poemas, dentre os quais o último Hölderlin, “Die Aussicht”, do ciclo *Scardanelli*, e foi em 1958, numa conferência na universidade de Indiana intitulada “Linguística e poética” (JAKOBSON, 1960), que ele definiu *a função poética* como ultrapassando os limites da poesia e primando sobre as outras funções (referencial, fática, emotiva, conativa e metalinguística) da comunicação verbal. Isso vai conduzir Jakobson, em “La charpente phonique du langage” (JACKOBSON, 1980), a privilegiar, na relação significante-significado, não mais, como o prega sua fonologia estrutural, a função *discriminante* do sentido pelo som, mas a função *determinante* do sentido pelo som, que ele estabelece como o próprio da função poética. Uma coisa é o significante como diferença que discrimina, separa, distingue, outra é o significante como causa que determina. Ora, a

⁴ O Zaoum é um tipo de poesia dos futuristas russos (principalmente Velimir Khlebnikov, Alexeï Kroutchenykh e Ilia Zdanevitch) que visa principalmente a organização dos sons por eles mesmos: todo o poema é tornado do lado fônico do discurso. Inventado por Kroutchenykh em 1913, a palavra zaoum é composta do prefixo russo za- (“mais além”) e da palavra oum (espírito) e pode se entender como “trans-mental”. O zaoum não tem regras gramaticais, nem convenções semânticas, nem normas de estilo. Ele foi criado para exprimir as emoções e as sensações primordiais. Sua universalidade é baseada sobre a ideia de que os sons precedem as significações e representam um elemento natura, lodo universal, da comunicação humana.

tese de *Encore* é que o som, a matéria sonora determina o sentido, tese em que é avançado que a língua determina a linguagem e que o significante é causa de gozo.

DO SIGNIFICANTE JAKOBSONIANO AO SIGNIFICANTE LACANIANO

Volto ao linguista estruturalista e a sua teoria do significante de que Lacan se inspirou. Pois não se poderia entender muito bem do que se trata nesse trecho da página 27⁵ de *Encore* que eu vou comentar sem situá-lo com relação à doutrina de Jakobson, no que concerne ao significante, de um lado, e à gramática, de outro lado. Jakobson, lembro mais uma vez, se apoia em Saussure, mas também o critica e se desvia dele em vários pontos. Em especial quanto ao laço que Saussure pretende arbitrário entre o significante e o significado. Ele rejeita também o princípio de linearidade dos significantes e aquele do significante pontual e fora do tempo, ao qual Jakobson opõe a noção de *more*, de entonação das vogais longas do grego antigo, a saber, o significante projetado como unidade tônica. Jakobson explica muito bem sua concepção estrutural do significante desde seu curso em francês na Escola Livre de Altos Estudos, em Nova Iorque, em 1942, em “Seis lições sobre o som e o sentido” (JAKOBSON, 1977).

Percebe-se então que, quando Lacan diz que o significante é pura diferença, da mesma forma que quando ele diz que o significante não é o fonema⁶ e que ele não pode se limitar ao suporte fonêmico que lhe dá a fonologia, ele é *estritamente jakobsoniano*. É preciso considerar que Jakobson retirou a fonologia do psicologismo onde estava emaranhada a fonética, com Baudouin de Courtenay. Ele examina o valor linguístico dos sons pelo fato deles tomarem um valor *distintivo* num idioma. Isso já era a tese de Saussure: os fonemas são entidades *opositivas, relativas e negativas, sem significação*, ao contrário dos outros valores linguísticos que são as categorias gramaticais, que são entidades opositivas e relativas, mas *não negativas* – o que Saussure desconheceu. Mesmo a letra como grafema tem um valor *positivo*, o de designar um fonema. Só o fonema, diz Jakobson, é um signo *diferencial puro e vazio*, ele tem um valor distintivo *de pura alteridade*. E foi o que interessou Lacan. Cada idioma tem seu sistema de fonemas, seu sistema de alteridade e de oposições diferenciais: uma criança russa de três anos percebe perfeitamente a diferença entre as consoantes “*mouillées*” e “*non mouillées*”, mas não um francês, nem um tcheco.

⁵ O autor faz referência à página da versão francesa onde Lacan começa a considerar o significante. Na versão da Zahar é a página 29 e na versão da Letra Freudiana é a 72.

⁶ Grifo nosso.

Mas – e é aí que ele se separa de Saussure, para quem o fonema é o Um indissociável da língua – Jakobson sustenta que *o Um do significante não é o fonema*. A estrutura do fonema é *dissociável* em qualidades distintivas inseparáveis, que formam um número muito mais restrito que o número de fonemas num idioma. São tais traços diferenciais que são as partículas elementares, os *quarks*⁷ da matéria significante que existem em cada língua, os fonemas sendo, de algum modo, os átomos. É assim, explica Jakobson, que, quando falamos francês, nosso sistema consonântico de quinze consoantes é redutível a cinco oposições significantes fundamentais, não mais, que nos bastam para distinguir as palavras (três são suficientes para o sistema vocálico turco). Enquanto no estado de balbúcio (de lalíngua) a criança pode produzir, como o observamos, todos os sons imagináveis, a entrada na linguagem confere então uma nova função ao som, que repousa sobre esse sistema estrito e reduzido de oposições significantes próprio de cada idioma. Podemos dizer, portanto, que o significante, “é o que se ouve”, como diz Lacan, com Jakobson, e precisaria especificar: o que se ouve *de diferenças, de traços distintivos, que permitem a discriminação do sentido pelo som*.

O significante, então, é o Um de pura diferença, cuja função é de nos permitir aprender e falar uma língua. Até aí, Lacan é jakobsoniano. Mas onde Lacan é lacaniano é quando sustenta, frente a Jakobson, que a função do significante é de *nos fazer gozar*. O significante, ele diz, se situa no nível da substância gozante, ele é a causa do gozo. Que sacada!⁸ Sabíamos que a causa estava do lado do *objeto a*, a causa do desejo. Mas, da causa do gozo, Lacan não havia dito nada ainda. O significante tem uma função de *causação no plano do real*. O significante, enquanto tal, enquanto substantivo, o significante na sua tolice con-substancial, não é nem a substância pensante nem a substância extensa, é a substância gozante, por se definir somente daquilo que, de um corpo que o significante corporiza, se goza.

GOZO DA GRAMÁTICA

⁷ N.T. O autor está jogando com uma metáfora se utilizando de termos da física. Para melhor compreensão vale saber que Quark em física é uma partícula elementar e um dos dois constituintes fundamentais da matéria (o outro é o lépton). Quarks se combinam para formar partículas compostas chamadas ‘hádrons’ das quais as mais estáveis desse tipo são os prótons e os nêutrons, que são os principais componentes dos núcleos atômicos.

⁸ A expressão em francês Quel Scoop! Poderia ser traduzida pelo Que furo! Quando um jornalista consegue uma notícia antes dos outros. Mas para não confundir com o uso conceitual da palavra furo optou-se traduzir como Que sacada!

É hora de eu voltar ao comentário das linhas daquela página 27⁹ de *Encore* onde Lacan faz da gramática a causa formal do aperto confuso do qual o gozo toma sua causa final. Aquilo deve, eu imagino, ter agradado a Jakobson, ele que, em “Questões de poética” analisou tão finamente a poesia da gramática e a gramática da poesia, em particular aquela do poema “Os gatos” de Baudelaire, para quem a gramática é uma bruxaria evocatória! *Aí também, Lacan é jakobsoniano!* De fato, que a gramática comande a composição do poema, que ela seja a causa formal que o estructure inconscientemente, é a tese fundamental da poética de Jakobson. O volume 3 dos seus “Selected Writings” (JAKOBSON, 1981), com mais de oitocentas páginas, publicado em 1981 por Mouton, intitulado “The poetry of grammar and the grammar of poetry”, é inteiramente consagrado a essa questão.

Lacan avança, portanto, nesta tese: a incidência do significante como causa do gozo deve se reconhecer na gramática enquanto causa formal. A gramática dá forma, dá corpo ao gozo causado pelo significante. Esta forma obedece a regras de ordem. Não se pode colocar as palavras em qualquer ordem (eu posso dizer: “O gato come o rato”. Eu não posso dizer, a não ser como poeta: “O gato rato come”). Ocorre também que se eu mudo a ordem, como na frase: “Pedro bate Paulo”, o sentido muda. E mesmo o sentido do gozo¹⁰, o sujeito tornando-se objeto. Lacan retoma este exemplo clássico dos antigos livros de gramática. A gramática é feita de ficções linguísticas – como Jeremy Bentham foi o primeiro a evidenciá-lo, aponta Jakobson – onde o gozo do fantasma encontra sua causa.

O verbo se define por ser um significante não tão tolo quanto os outros. Por que o verbo é menos tolo que as outras classes gramaticais, menos tolo que o nome, o adjetivo, o determinante, o pronome, o advérbio...? O gramático pode responder: Porque ele é o núcleo da oração e introduz nela, com suas treze formas de tempos de conjugação, o tempo, seja o tempo da narração, tempo do discurso ou tempo do dizer, e ele expressa também o aspecto perfectivo, continuativo, iterativo, incoativo, limitativo, terminativo, etc. Com o tempo, com os tempos, o verbo acerta um pouco melhor o referente, chegando a ser, portanto, *passibête (nãotãotolo)*.

Mesmo assim, acredito que não seja por isso que o verbo, segundo Lacan, é um significante *passibête*. É porque ele vem a ser um signo. Ele vem a ser signo de fazer “a

⁹ Idem nota número 3

¹⁰ No original “jouis-sens”, literalmente “gozo-sentido”, foneticamente semelhante a “jouissance”, ou seja, “gozo”, trocadilho que não pode ser reproduzido em português (NdT).

passagem de um sujeito para sua própria divisão no gozo, e ele o é ainda menos (besta/tolo) quando, essa divisão, ele a determina em disjunção” (LACAN, 1972-23, p. 37). O verbo dá passagem do sujeito ao objeto, diretamente ou indiretamente, pelo complemento de objeto direto ou pelo complemento de objeto indireto. Mas o que ocorre aí, o que se goza, é a divisão do sujeito em seu gozo, divisão que vai até separar o sujeito do seu ser de gozo. Disjunção exclusiva: ou bem o sujeito, ou bem o gozo. Então, do que o significante é signo? Ele é signo do gozo, que não é do sujeito, que é do significante. O significante, tornando-se signo, se torna significante *gozado*. No início era o verbo, diz São João. E Lacan acrescenta: no início está o verbo signo, enquanto significante gozado, do qual o falasser¹¹ é separado. A gramática, portanto, é considerada por Lacan como um aparelho de gozo que, ao fazer passar o significante para o signo, faz gozar(-se) do verbo.

O INCONSCIENTE SEM GRAMÁTICA

Lacan, depois, volta sobre um lapso ortográfico que ele tinha cometido numa carta que enviara a uma mulher, na qual, escrevendo “tu ne sauras jamais combien je t’ai aimé” [Você não saberá jamais o quanto eu te amei¹²], ele esqueceu de concordar o particípio passado precedido do auxiliar “avoir” com o gênero do complemento de objeto direto, o mesmo estando, na frase, colocado antes do verbo. Uma má língua interpretara esse *lapsus calami* sugerindo que ele era homossexual. Na verdade, retrucou Lacan, o inconsciente faz pouco caso das regras de concordância de gênero da gramática. Porque quando amamos, não se trata de sexo. Nem de anjos. Trata-se de alma, trata-se de *a(l)mar*. Trata-se do que se diz em *você não saberá jamais, j’âmais*¹³, com um ‘j’ apóstrofe. Quando amamos, se trata do saber inconsciente, se trata, como dirá Lacan no fim de *Encore*, da relação entre dois saberes inconscientes.

¹¹“Esse termo de Lacan, o falasser (parlêtre), repercute a atualização da função da Lalíngua, de sua junção ao real do gozo, constitutivo do inconsciente real. Ele é precedido pela introdução do novo esquematismo borromeano, essencialmente a partir de *Encore* (seminário 20). Ele não elimina a noção do sujeito falta a ser, ele se junta a ele, para dizer que não do ser que isso que a ele vem pelos efeitos encarnados de lalíngua” (SOLER, 2008, p. 25)

¹² A tradutora da versão da Letra Freudiana comenta que: A frase traduzida: “Nunca saberás o quanto te amei” não explica o lapso mencionado, decorrente da regra de concordância específica do francês, que exige o acréscimo da marca do feminino (e) naquele particípio: Aimée, se a frase for endereçada a uma mulher.

¹³ J’âmais tem o som parecido em português, mas perde o sujeito Je do enunciado. Mantivemos J’amais pelo som de jamais e ao lado segue uma tradução mais literal.

SUGESTÃO: “j’âmais” (eu a(l)mei), tem em francês a mesma fonética de “jamais”, por isso a explicação de Lacan.

Um pouco mais tarde, no Seminário “L’insu que sait de l’Une-bévue s’aile à mourre” (LACAN, 1977) de 11 de janeiro de 1977, Lacan dirá que no francês há gramática demais, no alemão há ainda mais, que no inglês há outra, mas de forma implícita, e que é o necessário para que tenha seu justo peso, mas que de qualquer modo ele acha que “na estrutura do inconsciente, não se deve eliminar a lógica, mas é preciso eliminar a gramática” (idem). Donde uma nova definição do inconsciente, como saber sem gramática, mas não sem lógica. Sem gramática, o inconsciente se reduz à lógica da pura função discriminante do significante. O que não o impede de ser um poema. A prova: as poesias infantis do gênero *Uni duni tre*, em que, assim que o observa Jakobson em “A magia dos sons da linguagem”, podem estar ausentes qualquer léxico racional e qualquer gramática, sem que atrapalhe uma estruturação rigorosa do conjunto apenas pelas regras fonológicas. É justamente isso que interessa ao Jakobson quando analisa um poema de E.E. Cummings, o poeta por excelência da agramaticalidade. Aliás, a agramaticalidade não é a eliminação da gramática, e existem diversos degraus, conforme ela viole as regras da sintaxe, as da semântica ou da performance.

Michael Riffaterre, um linguista especialista em estilística, professor da Universidade de Columbia de Nova Iorque, que polemizou muito com Jakobson a propósito do “Les chats” de Baudelaire, sustenta que são as agramaticalidades que produzem a significância do poema. Como no verso de Paul Eluard, “A terra é azul como uma laranja”, onde “como uma laranja” é uma agramaticalidade. Isso implica que, se o inconsciente é agramatical, se ele quebra, por suas agramaticalidades, a gramática que na linguagem determina os limites da escrita, então ele é um poema.

De onde resulta que do saber inconsciente podemos saber um pouco, desde que se deixe inspirar pela função poética, tal como Jakobson a definiu, enquanto função “sentido-determinativa” do som (e não “sentido-discriminativa”), ou seja, a função que, para Lacan, por unir intimamente o som e o sentido, é a única que permite a interpretação analítica.

Tradução: Glaucia Nagem de SOUZA¹⁴

REFERÊNCIAS

¹⁴ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. E-mail: glaucia.nagem@gmail.com.

LACAN, Jacques (1972-73). **O Seminário: Livro 20**: mais ainda. Versão brasileira de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. Ciência e Verdade. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. 1960.

LACAN, Jacques. **L'Insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre**. Inédito, 1977.

JACKOBSON, Roman. Língua e Poética. In: **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1960.

JACKOBSON, Roman. **La charpente phonique du langage**. Traduit de l'anglais par Alain Kihm. Collection Arguments. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

JACKOBSON, Roman. **Seis lições sobre o som e o sentido**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

JACKOBSON, Roman. **To honor Roman Jacobson**: Selected Writings. 3 v. 1. Phonological Studies; 2. Word and Language; 3. Poetry of Grammar. Mouton, 1981.

SOLER, Colette. Du parlêtre. In: **L'em-je Lacanien número 10**. Toulouse: Éditions érès, 2009.